



Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Avaliação, Políticas e Expansão
da Educação Brasileira 3

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Avaliação, Políticas e Expansão da
Educação Brasileira 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
A945	Avaliação, políticas e expansão da educação brasileira 3 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira; v. 3) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-460-3 DOI 10.22533/at.ed.603191007 1. Educação – Brasil. 2. Educação e Estado. 3. Política educacional. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série. CDD 379.981
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O livro “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira” contou com a contribuição de mais de 270 artigos, divididos em 10 volumes. O objetivo em organizar este livro foi o de contribuir para o campo educacional e das pesquisas voltadas aos desafios atuais da educação, sobretudo, avaliação, políticas e expansão da educação brasileira.

A temática principal foi subdividida e ficou assim organizada:

Formação inicial e continuada de professores - **Volume 1**

Interdisciplinaridade e educação - **Volume 2**

Educação inclusiva - **Volume 3**

Avaliação e avaliações - **Volume 4**

Tecnologias e educação - **Volume 5**

Educação Infantil; Educação de Jovens e Adultos; Gênero e educação - **Volume 6**

Teatro, Literatura e Letramento; Sexo e educação - **Volume 7**

História e História da Educação; Violência no ambiente escolar - **Volume 8**

Interdisciplinaridade e educação 2; Saúde e educação - **Volume 9**

Gestão escolar; Ensino Integral; Ações afirmativas - **Volume 10**

Deste modo, cada volume contemplou uma área do campo educacional e reuniu um conjunto de dados e informações que propõe contribuir com a prática educacional em todos os níveis do ensino.

Entregamos ao leitor a coleção “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira”, divulgando o conhecimento científico e cooperando com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES QUE SÃO ATENDIDOS PELO SAREH	
Geicinara Martins de Almeida Oliveira Adriane de Lima Vilas Boas Bartz Cintya Fonseca Luiz	
DOI 10.22533/at.ed.6031910071	
CAPÍTULO 2	12
A ESCOLA INCLUSIVA: ASPECTOS GERAIS PARA A ALFABETIZAÇÃO DE SURDOS	
Ester Vitória Basílio Anchieta Ezer Wellington Gomes Lima	
DOI 10.22533/at.ed.6031910072	
CAPÍTULO 3	24
A PARTICIPAÇÃO DE UMA ALUNA EM CONDIÇÃO DE DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
Rodrigo Barbuio Evani Andreatta Amaral Camargo Ana Paula de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.6031910073	
CAPÍTULO 4	40
A PESSOA COM SÍNDROME DE DOWN E SEU COMPORTAMENTO DIANTE O DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE	
Ivanusa Maria da Silva Adriane de Lima Vilas Boas Bartz Cintya Fonseca Luiz	
DOI 10.22533/at.ed.6031910074	
CAPÍTULO 5	48
A PRÁTICA DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR DA REDE PÚBLICA DE SP COM ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA	
Carolina Lourenço Reis Quedas Silvana Maria Blascovi-Assis Maria Eloisa Famá D´Antino	
DOI 10.22533/at.ed.6031910075	
CAPÍTULO 6	61
A TRAJETÓRIA DE LUTAS DA ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL: EM BUSCA DA EFETIVAÇÃO DO DIREITO À EDUCAÇÃO	
Dilene Pinheiro da Silva Ailton Vitor Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.6031910076	
CAPÍTULO 7	70
ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO ESPECIAL	
Loryza Rodrigues Barbosa de Barros Natal Juliana Marcondes Bussolotti	
DOI 10.22533/at.ed.6031910077	

CAPÍTULO 8	85
ALTAS HABILIDADES E SUPERDOTAÇÃO: IMPLICAÇÕES NA SALA DE RECURSO MULTIFUNCIONAL NO MUNICÍPIO DE UBIRATÃ-PR	
Adriane de Lima Vilas Boas Bartz	
DOI 10.22533/at.ed.6031910078	
CAPÍTULO 9	96
ARTE, VISÃO DE UM MUNDO COM DEFICIÊNCIA	
José Ricardo Lopes da Silva	
Laís Helena Gouveia Rodrigues	
Lucas Moreno Cavalcanti Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.6031910079	
CAPÍTULO 10	110
CONSTRUÇÃO DO SENTIDO COLETIVO EDUCACIONAL E A BUSCA DA INSERÇÃO SOCIAL DOS AUTOINSUSTENTÁVEIS: UM RELATO VIVENCIADO	
Giselda Frank	
Viviane Brandão Frigo	
Samira Furlan	
DOI 10.22533/at.ed.60319100710	
CAPÍTULO 11	115
CURRÍCULO EDUCACIONAL, UM OLHAR PELAS DIVERSIDADES	
Lucimar Araújo Braga	
Igor Antonio Barreto	
DOI 10.22533/at.ed.60319100711	
CAPÍTULO 12	130
DEFASAGEM IDADE/SÉRIE E POLÍTICAS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO: AS AÇÕES DOS PEQUENOS MUNICÍPIOS DO VALE DO RIO DOS SINOS/RS	
Tatiane de Fátima Kovalski Martins	
DOI 10.22533/at.ed.60319100712	
CAPÍTULO 13	136
DESAFIOS DA INCLUSÃO COMO INSTITUINTE DESENCADEANTE DE MUDANÇA NA FAMÍLIA E NA ESCOLA	
Neide Barbosa Saisi	
DOI 10.22533/at.ed.60319100713	
CAPÍTULO 14	145
EDUCAÇÃO EM SAÚDE A DEFICIENTES VISUAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL	
Ana Carolina Guidorizzi Zanetti	
Kelly Graziani Giaccherro Vedana	
Anderson Heiji Lima Miyazaki	
Bárbara Gadioli	
Beatriz Molina Carvalho	
Bruna Marques Chiarelo	
Carine Sanches Zani Ribeiro	
Cíntia Coró	
Cristiano Gimenez Olímpio	
Daniele Maria Nogueira	
Isabelle Wengler Silva	

João Paulo Ferreira Rodrigues
Jonas Gabriel Pestana Gradim
Julia Cintra Gomes
Juliana Masini Garcia
Livia Maria Landgraff Pereira
Mariana Aparecida de Jesus Castro Santos
Murillo Fernando Jolo
Thainá Ferreira de Toledo Piza
Tatiana Pupim Libório

DOI 10.22533/at.ed.60319100714

CAPÍTULO 15 150

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO SISTEMA PENITENCIÁRIO

Silvana Mara Bernardi Rizotto
Fernanda Sprada Lopes
Ivo José Both

DOI 10.22533/at.ed.60319100715

CAPÍTULO 16 154

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NUMA PERSPECTIVA INCLUSIVA: POLÍTICAS EDUCACIONAIS PARA AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Ana Paula Dantas Ferreira
Dayane Mary Soares da Costa
Dayse Alves dos Santos
Marcos Antônio de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.60319100716

CAPÍTULO 17 171

EDUCAÇÃO, POBREZA E DESIGUALDADE SOCIAL: A CIDADANIA ATRAVÉS DAS ONDAS DA RÁDIO ESCOLAR

Alana Lessa do Nascimento Silva
Evaldo Ribeiro Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.60319100717

CAPÍTULO 18 182

ENSINO DA MATEMÁTICA PARA CEGOS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR - RELATO DE EXPERIÊNCIA

Vanessa Soares Sandrini Garcia

DOI 10.22533/at.ed.60319100718

CAPÍTULO 19 187

ENSINO DE LIBRAS L2 NA PERSPECTIVA DISCURSIVA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Andréa dos Guimarães de Carvalho
Gilmar Garcia Marcelino
Kelly Francisca da Silva Brito
Renata Rodrigues de Oliveira Garcia

DOI 10.22533/at.ed.60319100719

CAPÍTULO 20	193
INFOLIBRAS: VÍDEOAULAS PRÉ-VESTIBULAR EM LINGUA BRASILEIRA DE SINAIS	
Jaison Fernando da Silva Caroline Barboza Januário Lívia Bianca Oliveira Dariva Daniele Rosa de Arruda da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.60319100720	
CAPÍTULO 21	199
LEI N. 8.069/1990 – ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE: UMA POLÍTICA PÚBLICA PARA ADOLESCENTE COM COMPORTAMENTO DESVIANTE?	
Darliane Silva do Amaral	
DOI 10.22533/at.ed.60319100721	
CAPÍTULO 22	204
O DIREITO À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NOS MARCOS LEGAIS DO BRASIL DE 1994 A 2015	
Juliane Kelly de Figueiredo Freitas Josanilda Mafra Rocha de Moraes Lenina Lopes Soares Silva	
DOI 10.22533/at.ed.60319100722	
CAPÍTULO 23	217
O ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA NO ÂMBITO ESCOLAR POR MEIO DO ENSINO RELIGIOSO	
Patrícia Aparecida da Cunha Guilherme Alessandro Garcia Eloy Alves Filho	
DOI 10.22533/at.ed.60319100723	
CAPÍTULO 24	224
O INTÉRPRETE DE LIBRAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA PARA SURDOS	
Rosanea Beatriz Borges Melchior José Tavares Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.60319100724	
CAPÍTULO 25	232
PLANEJAMENTO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM ENFOQUE CTS/CTSA NO ENSINO FUNDAMENTAL VISANDO À INCLUSÃO SOCIAL E CIDADANIA PLENA	
Ivone Liphhaus Almeida Sidnei Quezada Meireles Leite	
DOI 10.22533/at.ed.60319100725	
CAPÍTULO 26	245
POLÍTICAS EDUCACIONAIS E DESIGUALDADE SOCIAL NO BRASIL: DESAFIOS NA GARANTIA DE DIREITO À EDUCAÇÃO	
Ivana Aparecida Weissbach Moreira Rosenei Cella Rosana Cristina Kohls	
DOI 10.22533/at.ed.60319100726	

CAPÍTULO 27	251
USO DE INSTRUMENTOS MIDIÁTICOS NO PROCESSO DE LETRAMENTO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL	
Fernanda Cinthya de Oliveira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.60319100727	
CAPÍTULO 28	270
TDAH: SUAS IMPLICAÇÕES COM A VIDA	
Yara Vieira Alberti	
Adriane de Lima Vilas Boas Bartz	
Cintya Fonseca Luiz	
DOI 10.22533/at.ed.60319100728	
CAPÍTULO 29	280
PROJETO VIVENDO AS DIFERENÇAS	
Cintia Cristina Escudeiro Biazan	
Denise Aparecida Refundini Castellani	
Sandramara Morando Gerbelli	
Viviane Franzo Juliani	
DOI 10.22533/at.ed.60319100729	
CAPÍTULO 30	291
TRANSFORMAR PARA INCLUIR – O CASO DO CAIS DE CONTAGEM-MG	
Élida Galvão do Nascimento	
Danielle Aparecida do Nascimento dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.60319100730	
CAPÍTULO 31	301
POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UM ESTUDO SOBRE A PERSPECTIVA DO PROFESSOR FACE A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS NAS ESCOLAS DE ENSINO REGULAR	
Everton Ucela Alves	
DOI 10.22533/at.ed.60319100731	
CAPÍTULO 32	312
PROPOSTA DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS UTILIZANDO ATIVIDADES E MATERIAIS ADAPTADOS PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL E/OU BAIXA VISÃO VERSANDO CONTEÚDOS DO ENSINO MÉDIO	
Thamires de Souza Nascimento	
Andréa Aparecida Ribeiro Alves	
DOI 10.22533/at.ed.60319100732	
SOBRE O ORGANIZADOR	323

A PESSOA COM SÍNDROME DE DOWN E SEU COMPORTAMENTO DIANTE O DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE

Ivanusa Maria da Silva

Faculdade Dom Bosco

Ubiratã-Paraná

Adriane de Lima Vilas Boas Bartz

Faculdade Dom Bosco

Ubiratã-Paraná

Cintya Fonseca Luiz

Faculdade Dom Bosco

Ubiratã-Paraná

RESUMO: A questão sexualidade vem sendo abordada atualmente, para a concepção e origem de novas pesquisas, ou até mesmo vem sendo discutidas como forma de encontrar respostas viáveis e de caráter de entendimento, sob outras questões envoltas sob os indivíduos. Especificamente, neste caso, os indivíduos Down, são analisados de forma comparativa a outros indivíduos, para que obtenha assim, respostas coerentes que embasem seu desenvolvimento sexual. Continuadamente, ao contrário dos mitos que muitos acreditam, fruto de uma sociedade sem as devidas informações, um jovem trissômico tem as mesmas pulsões e comportamentos do que um jovem normal, diferenciando-se ao aspecto intelectual, ou seja, na compreensão dos raciocínios, das normas, teorias e éticas. O período da adolescência, etapa difícil para os

pais, de qualquer adolescente, é uma fase de um aglomerado de mudanças súbitas, que variam rapidamente; ou seja, hoje o adolescente está e se comporta de uma forma, e, todavia, amanhã este mesmo adolescente terá novas ideias, novos comportamentos, novas “crises”. Com a chegada da puberdade, o interesse sexual volta-se para o seu corpo e a intimidade surge caracterizada e aflorada especificamente pela necessidade de partilha e contato com o outro. Perante tais ocasiões, se faz imprescindível que pais não ocultem as informações, que não as mascare, e que procurem manter um dialogo aberto com os mesmos, e que tenham ciência que seus filhos são indivíduos, seres sexuados. **PALAVRAS-CHAVE:** Síndrome de Down, sexualidade, desenvolvimento.

1 | INTRODUÇÃO

O processo histórico que envolve questões acerca da síndrome de Down demonstra que discussões sobre essa síndrome são relativamente recentes, pois foi apenas em 1866 que Langdon-Down a descreveu pela primeira vez, observando um grupo de crianças internadas num asilo em Surrey, Grã-Bretanha.

A síndrome de Down também era denominada como mongolismo, devido à semelhança do seu portador com a criança

mongólica, a qual possui olhos em forma de amêndoa.

Posteriormente, devido à evolução científica, em especial na área da Genética, a síndrome de Down, já descrita clinicamente, teve seus estudos intensificados, e ela passou a ser considerada como sendo uma alteração cromossômica, ou seja, uma alteração denominada Trissomia 21.

Segundo Amaral (1995), a síndrome de Down é composta por três cromossomas no par número 21. Em continuidade, Nielsen (1999) assegura que essa anomalia cromossômica provoca atrasos no desenvolvimento físico e intelectual, e, do mesmo modo, na área da linguagem. Mais adiante, devido aos avanços da medicina, descobriu-se que se trata de uma doença genética.

A característica primordial dessa síndrome é o fato de que, ao invés de terem os habituais 46 cromossomas, as células das pessoas apresentavam 47 cromossomas, ocasionadas pela presença de um cromossoma 21 supranumerário. A partir dessa constatação, a síndrome passou a ser designada corretamente por Trissomia 21, desqualificando o conceito integral de síndrome.

De acordo com Morato (1995), em 1866, John Langdon Down, segundo a expectativa de Chambers e pela Teoria da Evolução das Espécies de Darwin, conseguiu a primeira apresentação clínica acerca da Trissomia 21.

Para isso, ele estudou um grupo de crianças que apresentavam atrasos mentais e características físicas e intelectuais muito semelhantes, com aspectos parecidos aos da raça mongol, a qual era uma etnia situada em grau de inferioridade na escala de desenvolvimento humano. Assim, Langdon-Down designou essas crianças pelo apelido de mongoloides, razão que justificava tal nomenclatura.

Esta pesquisa constitui-se em um levantamento bibliográfico sobre a pessoa com síndrome de Down e seu comportamento diante do desenvolvimento da sexualidade, sendo o objetivo pesquisar informações sobre como os pesquisadores da área da educação vêm abordando o assunto em questão.

2 | ETIOLOGIA

Inicialmente, a Trissomia homogênea é a causa mais frequente da síndrome de Down, destacando-se em 90% dos casos. Nessa classificação, a alteração da distribuição dos cromossomas está presente antes da fertilização, durante o desenvolvimento do óvulo ou do espermatozóide, ou então na primeira divisão celular de todas as células, as quais serão idênticas.

Em continuidade, apresenta-se a tipologia mosaicismo, sendo esta mais residual, é, ocorre em aproximadamente 5 %, dos casos, apenas. Nessa modalidade, o erro de distribuição dos cromossomas aparece na 2ª ou 3ª divisões celulares, trazendo consigo as consequências, as quais dependerão do período em que ocorrer a divisão defeituosa.

Sendo assim, quanto mais tardia for essa divisão, menor será o número de

células afetadas pela Trissomia e vice-versa. Desse modo, nessa especificidade, a criança será portadora simultaneamente de células normais e trissômicas no par 21.

Em relação à translocação, esta representa os outros 5% dos casos, nos quais a totalidade ou uma parte de um cromossoma está unida à totalidade ou parte de outro, sendo que os cromossomas mais afetados por essa anomalia são os grupos 13-15 e 21-22.

Ressalta-se que a translocação pode ocorrer no momento da formação do espermatozóide ou ainda do óvulo ou no momento em que se produz a divisão celular. Todas as células serão portadoras de Trissomia, contendo, assim, par de cromossomas sempre ligado ao cromossoma de translocação.

Sampedro *et al.* (1997) esclarecem que essa síndrome provoca problemas cerebrais, de desenvolvimento físico e fisiológico e de saúde. A maior parte das alterações orgânicas acontece durante o desenvolvimento do feto; no entanto, o diagnóstico pode ser feito logo após o nascimento, visto que essas crianças apresentam características muito específicas, e embora os indivíduos afetados não sejam todos iguais, dá-lhes um aspeto muito semelhante. Isso se demonstra uma vantagem, pois possibilita uma intervenção precoce, fisicamente.

Ainda de acordo com as assertivas dos autores acima, essas crianças costumam ter, também, hiperextensibilidade articular, choro com gritos curtos e agudos na infância, além de desenvolverem uma altura inferior à média, além da tendência à obesidade ligeira ou moderada, principalmente depois da infância.

No entanto, estes aspetos não são absolutos, e, por isso, não é descartada a possibilidade de superação desses fatores, em especial os voltados à alimentação, proporcionando, assim, a redução dos processos infecciosos na criança.

Nielsen (1999) juntamente com Sampedro *et al.* (1997) afirmam que:

(...) quanto à percepção, as crianças trissômicas apresentam déficit em aspetos como, por exemplo, a capacidade de discriminação visual e auditiva, principalmente quanto à intensidade da luz; reconhecimento táctil em geral e de objetos a três dimensões; cópia e reprodução de figuras geométricas e rapidez perceptiva.

De modo geral, essas crianças seguem um desenvolvimento normal; entretanto, o que diferencia esse processo é o fato de elas terem um atraso em relação às outras. Estudos realizados corroboram dizendo que pode existir um déficit de atenção nas crianças que apresentam deficiência mental. Dessa forma, são poucas as colaborações que essas crianças prestam acerca de questões de aprendizagem.

3 | DIAGNÓSTICO

Sampedro *et al.* (1997) afirmam que a síndrome de Down não tem cura; porém, existem três aspetos importantes para que seja realizada uma prevenção eficaz: idade materna, aconselhamento genético e a amniocentese.

Em relação à mãe, sabe-se que uma gravidez a partir dos trinta e cinco anos de

idade acentua as probabilidades de concepção de um filho com Trissomia 21. Dessa forma, é imprescindível que as futuras mães nessa linha de idade sejam avisadas do risco a que estão sujeitas em suas gestações.

A amniocentese, a qual é um método recente acerca de diagnóstico, mostra-se eficaz para avaliar a precocidade da síndrome, ou seja, antes do nascimento do bebê esse método poderá analisar as chances da vinda ou não de um indivíduo caracterizado com Trissomia 21. Nesse caso, faz-se o exame com a extração de líquido amniótico com anestesia local, nos períodos correspondentes entre a 14^a e a 19^a semanas de gravidez. Na coleta, são extraídos 15- 20 ml de líquido e, após, é realizada a cultura das células em laboratório durante um prazo entre 10 a 21 dias. Na sequência, realiza-se uma análise cromossômica ou cariótipo, que permite verificar se o feto exibe ou não uma Trissomia. Além dos métodos acima descritos, ressalta-se ainda que existem outras formas de análise sobre a presença ou não da síndrome.

De acordo com Varella (2014), durante a gestação, o ultrassom morfológico fetal para avaliar a translucência nucal pode preconizar a presença da síndrome, que só é confirmada pelos exames da amniocentese e amostra do viló corial.

Depois do nascimento, é o exame do cariótipo que comprova o diagnóstico clínico, que vai mostrar se a criança é ou não portadora da síndrome. Trata-se de um teste de análise de cromossomos, denominado cariótipo, em que são examinados o número e a estrutura dos cromossomos, a partir de exame de sangue (MOVIMENTO DOWN, 2014).

4 | SEXUALIDADE NA TRISSOMIA 21 E SEU DESENVOLVIMENTO SEXOAFETIVO

A sexualidade é um dos aspectos principais da vida, abrangendo sexo, papéis sexuais, envolvimento emocional, amor e reprodução (BONFIM, 2012). Nessa linha de análise, Monteoliva (1990) apresenta a sexualidade humana com controle definido dos hormônios, vivenciando e continuando depois o desaparecimento da sua influência, tornando-se mais do que um instinto orgânico fixado, procedimento e maneiras estudadas, desenvolvidas e desencadeadas pelo ato de diversos fatores afetivos e emocionais.

Bonfim (2012) explica que a sexualidade é uma dimensão humana que envolve os aspectos físicos, sociais e psicológicos; contudo, antes desse aspecto, devem ser observados outros, como relações afetivas e cultura.

Os indivíduos com síndrome de Down têm problemas que, muitas vezes, os tornam incapazes de vivenciarem a sua própria sexualidade, pois a sociedade encontra dificuldade para lidar com os valores sociais e culturais das pessoas. Assim,

[...] se com frequência não é fácil abordar o tema da sexualidade humana em circunstâncias normais, ele se torna muito mais complexo no caso das pessoas com deficiência intelectual. A presença da sexualidade nesse segmento da população foi vista quase sempre antes como um problema do que como um atributo humano

Geralmente, as pessoas acreditam que os problemas intelectuais refletem no desenvolvimento sexual de indivíduos com deficiência. A respeito de educação sexual, Bonfim (2012, p. 33) explica que:

Educação sexual é, antes de tudo, uma prática ou ação de transmissão de conhecimentos, representações, valores e práticas, ou seja, é essencialmente uma forma de educação. E como prática educacional é uma questão cultural, histórica e social, seu entendimento é marcado pelas mudanças ocorridas no modo e produção basilar da sociedade, envolvendo, além da dimensão biológica, a subjetividade, a afetividade, a ética, o desejo, a religiosidade, entre outras dimensões. A educação sexual é um processo educativo que possibilita a formação de valores e atitudes referentes à forma como vivemos nossa sexualidade (BONFIM, 2012, *apud* DUTRA, 2013, p.8).

Desse modo, entende-se que a sexualidade decorre tudo que dá prazer à pessoa e a nos determina a viver. Deve-se ressaltar, também, que ela está atrelada aos fenômenos sociais e culturais. Desse modo,

[...] as práticas sociais de controle, proibição e permissão do sexo são antiquíssimas, porém o estudo de seu sentido, de suas causas, de suas variações no tempo e no espaço é um estudo recente, não sendo casual que os dicionários registrem como tardio o surgimento da palavra sexualidade, momento em que o termo sexo passa a ter um sentido muito ampliado, especialmente quando os estudiosos passaram a distinguir e diferenciar entre necessidade (física, biológica), prazer, (físico, psíquico) e desejo (imaginação, simbolização) (CHAUÍ, 1984 *apud* BRAGA, 2008, p.26).

Amaral (1995) aponta que o desenvolvimento orgânico-sexual é mais lento e incompleto e ocorre em dois terços dos casos. Os outros casos podem apresentar atrofia sexual e ausência de características sexuais ao final da adolescência. A mudança sexual é mais lenta, mas aceita pelo jovem; no entanto, as alterações são mais lentas que em adolescentes ditos normais.

Os rapazes com a síndrome exibem pelos púbicos e axilares menos desenvolvidos; barba rala, aspecto infantil ou afeminado e as genitálias podem possuir anomalias como criptorquidia - testículos não desenvolvidos - e hipospádia - orifício uretral em posição anormal, pênis pequeno e com fimose.

Em complementação, Silva e Almeida (2001) ressaltam que todos os indivíduos são estéreis em função do número menor de espermatozoides e da falta de maturação, bloqueio ao nível da espermatogênese e também das células germinais da Trissomia 21, que podem afetar a qualidade dos espermatozoides.

Sanderson (2005, p.35) explica que “[...] o desenvolvimento do comportamento sexual, assim como outros comportamentos das crianças, assume a forma de brincadeira e jogos [...]”. Segundo o autor, um exemplo de comportamento típico entre crianças de 0 a 4 anos de idade são os jogos de “brincar de casinha”, “de papai e mamãe” e “de médico”, sendo um exemplo de comportamento atípico aquele onde a criança “preocupa-se com o comportamento e as atividades sexuais”.

A criança na 1ª infância – 0 a 3 anos –, vive a sexualidade de maneira mais

tranquila, como o aprendizado sobre o mundo que a cerca, assim como aprende sobre outras questões da vida e do mundo.

Além de Maia (2005), Sanderson (2005) e Ribeiro (2005) também corroboram com esse pensamento. Orientam que os adultos devem aprender a lidar com essas manifestações e procurar atender às necessidades da criança de maneira mais tranquila, sem dramas e exageros, sem considerar que o comportamento sexual dela é precoce ou aflorado.

Para Silva e Almeida (2001), na infância, a sexualidade está no prazer sensório-motor. Nessa fase, a criança busca satisfazer as suas necessidades, não se importando em partilhar, fator este próprio da idade correspondente.

Sua identidade forma-se baseando-se nos exemplos observados nos adultos, surgindo, então, a imitação das normas impostas, provenientes das figuras importantes, como pais e familiares. Entre os 2/3 anos de vida, ela começa a se interessar pela diferença dos gêneros, as diferenças anatômicas e os comportamentos, configurando a sua identidade sexual a partindo de mensagens explícitas e implícitas advindas do meio social onde vive.

No período de latência e de entrada na escola, o interesse sexual é deixado em segundo plano e ela passa a valorizar mais o intelecto. A personalidade da criança trissômica também sofre alterações no comportamento. Sendo assim, à medida que esta consegue libertar-se da infância e aproxima-se da independência do adulto, automaticamente sua personalidade acompanha esse processo.

O período da adolescência é uma etapa muito difícil para os pais de qualquer adolescente, já que é uma fase de um aglomerado de mudanças súbitas, que variam rapidamente; ou seja, hoje o adolescente está e se comporta de uma forma, e, todavia, amanhã terá novas ideias, novos comportamentos e novas “crises”. Ao chegar à puberdade, o interesse sexual volta-se para o seu corpo e a intimidade aflora especificamente com a necessidade de partilhar o contato com o outro.

Monteiro *et al* (1998 p.11) afirmam que:

Como a adolescência implica uma grande mudança, o jovem se ancora numa suposta onipotência que vai lhe permitir enfrentar os medos diante do desconhecido, as incertezas, o descontrole sobre as transformações físicas pelas quais passa; assim ancorado, ele enfrenta o mundo e tem o controle de tudo, nada lhe acontece, só aos outros. É uma necessidade de segurança. Ele se escora na fantasia para suportar a realidade. Ele é o todo-poderoso (MONTEIRO *et al*, 1998, p.11).

Portanto, faz-se imprescindível que, nessas ocasiões, os pais não ocultem informações e nem as mascarem, e que procurem manter um diálogo aberto com os filhos. Além disso, é preciso que tenham ciência de que seus filhos são indivíduos, seres sexuados.

O que comumente caracteriza esses jovens é o fator curiosidade. Curiosidade acerca das mudanças em seu corpo, acerca das mudanças que o outro apresenta, além do caráter da identificação sexual com os outros jovens do mesmo sexo. Isso se manifesta pelos hábitos comuns de vestuário, desde a forma de cortar o cabelo,

as atitudes, as modinhas, ou seja, essa curiosidade é própria dos grupos que detêm dinâmica própria. Além disso, começam as primeiras investidas heterossexuais, o primeiro namoro, a excitação sexual, podendo ocorrer ejaculações noturnas e masturbação intensa.

Nessa linha de compreensão, Lakatos (1992) pontua que:

A pesquisa bibliográfica permite compreender que, se de um lado a resolução de um problema pode ser obtida através dela, por outro, tanto a pesquisa de laboratório quanto a de campo (documentação direta) exigem, como premissa, o levantamento do estudo da questão que se propõe a analisar e solucionar. A pesquisa bibliográfica pode, portanto, ser considerada também como o primeiro passo de toda pesquisa científica (LAKATOS, 1992, p.44).

Sob a perspectiva da autora, fica nítido que a pesquisa bibliográfica constitui-se como pioneira de um processo de investigação, pois busca esclarecer um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos. Desse modo, ela pode ser realizada independentemente, buscando avaliar os subsídios culturais ou as vivências existentes sobre um determinado assunto, tema ou problema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas pessoas ainda acreditam que indivíduos com deficiências intelectuais são assexuados; isso, porém, é o mesmo que desconsiderar que elas têm a probabilidade de propagarem sua afetividade. Entendê-los como assexuados é negar-lhes direitos que são dados a todos os demais indivíduos, como o de formarem suas famílias, considerando que eles não amadurecem. Nesse sentido, precisa-se acreditar na humanização de fato, permitindo aos portadores da síndrome de Down desenvolver sexualmente corporal e afetuosamente.

Esse olhar respeitoso sobre a sexualidade transformará o entendimento do que ela realmente significa na sua totalidade, ultrapassando os preconceitos e permitindo que todos possam experienciá-la de forma prazerosa.

Assim, embora a sexualidade desse grupo de pessoas seja ainda um campo de mistérios, tabus, proibições, a superação desse preconceito será admissível quando a sociedade acreditar que a sexualidade está relacionada a afetos e não puramente à genitália.

REFERÊNCIAS

AMARAL, M.T. **O desenvolvimento sexo-afetivo na Trissomia 21**. In I.Félix & A.M. Marques, E nós...somos diferentes? Sexualidade e Educação Sexual na Deficiência Mental. APF. Lisboa, Pt. 1995.

AMOR PAN, J. R. Afetividade e sexualidade na pessoa portadora de deficiência mental. Loyola: São Paulo, 2003.

BOTELHO, L. L. R.; CUNHA, C.C.A.; MACEDO, M. **O método da revisão integrativa nos estudos**

organizacionais. Gestão e Sociedade, Belo Horizonte, v. 5, n.11, p. 121-136, mai-ago/2011.

BONFIM, C. **Desnudando a Educação Sexual.** 1.ed. Campinas, SP: Papyrus,2012.

BRAGA, E. R. M. **A questão do gênero e da sexualidade na educação.** In: RODRIGUES, Elaine; ROSIN, Sheila Maria. Infância e Práticas Educativas. EDUEM: Maringá, 2008. p.211- 220.

CONFORTO, E.C.; AMARAL, D.C. **Roteiro para revisão bibliográfica sistemática: aplicação no desenvolvimento de produtos e gerenciamento de projetos.** In: Congresso Brasileiro de Gestão de Desenvolvimento de Produto. 8. CBGDP 2011, Porto Alegre, RS: Instituto de Gestão de Desenvolvimento de Produto, 2011.

DUTRA, Lenice Gomes Ferreira. **A educação sexual para as pessoas com Síndrome de Down.** UEM. Universidade Estadual de Maringá/Pr. 2013. http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospe/pdebusca/producoes_pde/2013/20_13_uem_edespecial_artigo_lenice_gomes_ferreira.pdf. Acesso: 27 mai. 2018.

LAKATOS, M. E. MARCONI, M. de A. **Metodologia do Trabalho Científico** /4.ed. Revista e Ampliada. Atlas. São Paulo, 1992.

MAIA, Ana Claudia B. **O desenvolvimento da sexualidade na infância.** In: MAIA, A. C. B.; MAIA, A. F. (Orgs.) Sexualidade e infância. Cadernos CECEMCA, Brasília: MEC/SEF, 2005. p. 85- 101. Acesso: 23 Mar. 2018.

MORATO, P. **Deficiência mental e aprendizagem.** Lisboa: Secretariado Nacional de Reabilitação. 1995.

MONTEOLIVA, J. M. **O dilema da sexualidade.** São Paulo: Loyola, 1990.

MONTEIRO, D. L. M. CUNHA, A. A.; BASTOS. A. C. **Gravidez na adolescência.** Rio de Janeiro: Revinter, 1998.

MOVIMENTO DOWN. **Três vivas para o bebê** – guia para mães e pais de crianças com síndrome de Down. 2014a. 39 p. Disponível em: <http://www.movimentodown.org.br/2013/07/cartilha-tres-vivas-para-o-bebe-disponivel-paradownload/> . Acesso: 23 mar. 2018.

NIELSEN, L.B. **Necessidades Educativas Especiais na Sala de Aula: Um Guia Para Professores.** Porto Editora: Porto, Pt. 1999.

RIBEIRO, M. **Sexo:** como orientar seu filho. Planeta: São Paulo, 2005.

SAMPEDRO, M.F., BLASCO, G.M., & Hernández, A.M. **A criança com Síndrome de Down.** In R.Bautista, Necessidades Educativas Especiais. Dinalivro: Almada, Pt. 1997.

SANDERSON, C. **O desenvolvimento da sexualidade da criança.** In: SANDERSON, Christiane. Abuso sexual em crianças: fortalecendo pais e professores para proteger crianças contra abusos sexuais e pedofilia. M.Books: São Paulo, 2005. p.26-52.

SILVA, M. & ALMEIDA, H. **Trissomia 21.** Boletim T21. 2001.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-460-3

